

# PORNOGRAFIA ONLINE, TEORIA CRÍTICA E MASCULINIDADE HEGEMÔNICA: APROXIMAÇÕES

Alberto Gomes de Freitas Filho<sup>1</sup> e  
Mauricio Rodrigues de Souza<sup>2</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa aproxima argumentações feitas pela teoria crítica sobre uma sociedade altamente administrada e a discussão do controle como elemento organizador de uma masculinidade hegemônica. Assim, investigar a atual indústria pornográfica permite articular tais temas devido sua produção direcionada para homens em um ambiente digital de comunicação em massa. Utilizando da metodologia da análise do discurso, concluímos que os vídeos assistidos veiculam a reafirmação de uma masculinidade marcada pelo controle de si e do outro e do homem como administrador do desejo feminino, dinâmica que tem importantes semelhanças àquela criticada pelos pensadores frankfurtianos entre a razão moderna e a natureza.

## PALAVRAS-CHAVE

Pornografia online; indústria cultural; masculinidade; teoria crítica.

## ABSTRACT

This research aligns arguments made by critical theory regarding a highly administered society with the discussion of control as an organizing element of hegemonic masculinity. Consequently, investigating the current pornographic industry allows us to articulate these themes due to its production targeted primarily at men within a digital environment of mass communication. Employing discourse analysis methodology, we conclude that the viewed videos perpetuate a masculinity characterized by self-control and control over others, positioning men as administrators of female desire. This dynamic bears significant similarities to the critique posed by Frankfurt School thinkers concerning the tension between modern reason and nature.

## KEYWORDS

Online pornography; cultural industry; masculinity; critical theory.

1 Mestre em Psicologia (UFPA). Professor na Faculdade Estácio FAP. E-mail: gfreitas.alberto@gmail.com

2 Doutor em Psicologia (USP). Mestre em Antropologia (UFPA). Professor no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. E-mail: souza.mr@gmail.com

## INTRODUÇÃO

De maneira ampla, este trabalho explora a forma que novas tecnologias de comunicação podem influenciar na construção de subjetividades. Tendo em vista que a discussão sobre a técnica e as tecnologias como mediadoras das relações humanas deve estar atenta às novas formas que aquelas assumem, acreditamos ser de extrema importância trazer o debate para o momento atual do desenvolvimento digital, relacionado à internet.

Sendo assim, encontramos na teoria crítica um grande suporte teórico para estas discussões. A ênfase na internet como meio de comunicação em massa aponta para o conceito de indústria cultural, cunhado por Horkheimer e Adorno (1944/1985b), como imprescindível aqui. No entanto, também aproveitamos comentários feitos por ambos sobre a ciência e o fascismo, os quais, junto ao modelo capitalista representado pela indústria cultural, formam um tripé de elementos sociais que se assemelham em suas características autoritárias e controladoras, adjetivos que se mostram centrais em nossa discussão sobre outro elemento fundamental de interesse da presente pesquisa: a masculinidade.

A partir disso, o objetivo desta pesquisa foi o de investigar os discursos sobre masculinidade reproduzidos em um site pornográfico específico – o Pornhub –, tendo em conta aspectos de uma formação subjetiva rígida, controladora e autoritária, comumente relacionada ao homem e que se apresenta como elemento central na perpetuação das diferenças de gênero na sociedade. Para tanto, realizamos a leitura de textos selecionados de Horkheimer e Adorno, que abordam um quadro social de administração e autoritarismo, e de trabalhos que investigam a questão da masculinidade hegemônica, apontando características autoritárias de controle como um de seus principais elementos estruturantes, a fim de articular tais discussões e destacar possíveis pontos de intercessão entre ambas.

Complementarmente, entendendo a pornografia como um tipo de produção majoritariamente endereçada a homens, objetivamos investigar que sentidos circulam nos discursos emitidos por vídeos pornográficos no Pornhub, tendo como elemento orientador de análise o dispositivo teórico desenvolvido segundo o objetivo descrito acima. Dessa maneira podemos explicitar, a partir dos métodos da análise do discurso, o processo de construção de significados que possibilita a apreensão dos sentidos veiculados por estes vídeos e articulá-los com as bases teóricas discutidas, apontando a pornografia online como um campo de reprodução do discurso de controle masculino e, conseqüentemente, de incentivo a um tipo de subjetividade autoritária.

Sendo assim, esta pesquisa trata da articulação de dois itens distintos: o primeiro deles são escritos teóricos que versam sobre o diagnóstico social feito por autores da teoria crítica da sociedade abrangendo os temas da ciência, indústria cultural e fascismo; já o segundo

se revela em uma aproximação com autores que tratam da temática da(s) masculinidade(s), investigando elementos estruturantes daquilo que se costuma chamar “masculinidade hegemônica”. Portanto, parte desse trabalho utilizou de revisão bibliográfica com o fim de conjugar tais temas e encontrar pontos comuns de reflexão.

De maneira complementar, para encarnar com mais propriedade as discussões teóricas feitas aqui, elegemos como objeto de investigação a pornografia online a partir da análise de vídeos pornográficos disponibilizados em um site específico, o que demanda uma metodologia de cunho empírico e qualitativo. Para realizar essa etapa utilizamos os direcionamentos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso (AD), seguindo os escritos de Orlandi (2005). A escolha da AD se deu pelo fato de ela realizar uma historicização dos textos, explicitando o fato de que não são autossuficientes na composição de seus sentidos, mas os extraem também de elementos exteriores.

Nesse sentido, Orlandi (2005, p. 45) afirma que

[...] isso define em grande parte o trabalho do analista: observando as condições de produção e verificando o funcionamento da memória, ele deve remeter o dizer a uma formação discursiva (e não outra) para compreender o sentido do que ali está dito.

Portanto, a AD tenta revelar de que forma os aspectos históricos e contextuais da linguagem e do dizer são estruturantes dos sentidos do discurso, desnaturalizando elementos constituintes do texto e relacionando-os a determinadas ideologias.

Para a coleta de dados, elegemos duas categorias de vídeos do Pornhub: “vídeos mais vistos” e “vídeos mais excitantes”, sendo analisados o primeiro vídeo da lista em cada uma destas categorias, em uma periodicidade semanal. Analisamos também o vídeo mais visto de cada uma das 3 (três) primeiras colocadas no ranking de estrelas pornô mais populares conforme disponibilizado pelo site. Como critério de exclusão, utilizamos a duração do vídeo, sendo eliminados aqueles com mais de 20 (vinte) minutos, com o próximo vídeo da lista tomando seu lugar.

Esperamos que a escolha destas categorias de vídeos como fontes de dados reflita os tipos de conteúdo com maior alcance de público no site no período em que a pesquisa se realizou. Encaramos como dados não só os vídeos em si, mas também seu título, categorias e etiquetas em que se incluíam. Ao fim da coleta foram selecionados três vídeos da sessão “estrelas pornô”, sete vídeos da sessão “mais vistos da semana” e seis da sessão “mais excitantes”. Tendo em vista ainda que um dos vídeos na sessão “mais excitantes” esteve também na sessão “mais vistos”, contamos com um total de 15 (quinze) vídeos analisados.

## A TEORIA CRÍTICA E O TRIPÉ DO AUTORITARISMO

As discussões feitas pela teoria crítica não seriam as mesmas sem a influência de pelo menos dois de seus principais autores: Max Horkheimer e Theodor Adorno. Seja nos escritos em dupla ou nos trabalhos individuais, existem três elementos que estão inseridos em grande parte de sua obra: ciência, capitalismo e fascismo. Uma ligação mais direta e extensa entre eles pode ser vista, por exemplo, na *Dialética do Esclarecimento* (Horkheimer; Adorno, 1944/1985b), onde os frankfurtianos chamam a atenção para o tripé acima e os principais pontos que o manteriam unido: ordenação, controle e autoritarismo. Discorramos sobre seus elementos.

### A CIÊNCIA

Iniciamos esta discussão afirmando que a ciência, tal como se desenvolve no ocidente capitalista, detém papel fundamental na manutenção de um rígido contexto social, político e econômico. Horkheimer (1937/1983) comenta que, nessa organização social, aquilo que se pensa ser a essência do trabalho científico é, na verdade, sua utilidade na manutenção do estado atual das condições sociais. Nesses termos, a essência do que o autor chama de “teoria tradicional” está ligada a um medo humano do desconhecido que tenta desvelar tudo aquilo que lhe parece estranho e que, por isso, causa angústia.

Similarmente, Garlick (2017) comenta que o projeto da modernidade ocidental se afirma na submissão da natureza desconhecida à racionalidade e à vontade do homem, objetivo traduzido nos avanços científicos e tecnológicos que possibilitam controlá-la. A crítica feita pelos frankfurtianos é a de que tal projeto só pode ser alcançado se o conhecimento e a natureza forem moldados conforme critérios previamente estabelecidos pelo próprio cientificismo (Horkheimer, 1937/1983).

Portanto, a ciência, que, de acordo com o referencial kantiano, teria sua origem na razão pura (Kant, 1781/2001), passa a ser somente uma reafirmação de seus métodos, transformando o que antes era meio (a técnica) em um fim. Ou, nos termos de Adorno (1965/1995, p. 118), trata-se de um privilégio da técnica à frente daquilo para o que ela deveria ser usada: “[...] uma vida humana digna”.

Assim, a apreensão da natureza deixa de ser um meio para a emancipação do indivíduo e passa a ser apreensão da natureza e dos sujeitos, pois a ênfase demasiada em métodos não significa necessariamente melhoria de resultados, mas apenas maior controle dos dados, o que, sem uma análise crítica, levará somente a constatação do estado atual do objeto. Tal ciência, para Horkheimer e Adorno (1944/1985d), perde sua capacidade de autocrítica e desconhece limites para a barbárie, pois o entendimento de tudo sob um único juízo

elimina ou iguala, repressivamente, aquilo que é diferente, restando às minorias se adequar ou simplesmente desaparecer.

Outro elemento dessa ciência criticado por Horkheimer e Adorno (1944/1985d) é sua pretensa imparcialidade. Isto porque o ideal positivista se pauta na crença de que, para alcançar o elemento essencial presente em todos os objetos, a interferência humana deve ser mínima. Essa postura se liga àquela angústia do desconhecido que opõe homem e natureza, pois, se o projeto moderno é eliminar a ambivalência, é preciso primeiramente demarca-la: a razão e o desconhecido, ordem e caos, nós e eles.

Sendo assim, Horkheimer (1937/1983) aponta que a utilidade dessa ciência tradicional é a de assumir uma ideologia que enquadra todo e qualquer objeto em uma forma unificada de conhecimento, afastando aquilo que não deriva dessa mônada. Quanto mais esse raciocínio se reproduz, mais se naturaliza, estabelecendo-se de maneira hegemônica. Para Horkheimer e Adorno (1944/1985b; 1944/1985d), essa lógica serve ao capitalismo por meio da reprodução massificada característica da indústria, já que, se toda a natureza é passível de apreensão, então tudo pode ser compreendido, controlado, reproduzido e posto à venda no mercado.

### A INDÚSTRIA (O CAPITALISMO)

É, portanto, por meio desse serviço prestado pela ciência que iniciamos a discussão sobre a indústria. A este respeito, Heidegger (1953/2007) fala que a técnica é mediadora da relação moderna entre homem e natureza. Para o autor, o princípio dessa relação se baseia em uma perspectiva que vê a natureza como recurso a ser ordenado e utilizado segundo a vontade dos homens.

Já para Horkheimer e Adorno (1944/1985d), essa dominação se estende aos indivíduos, de maneira que “o saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravização da criatura” (p. 20). A escravização se aplica também aos processos de subjetivação e é a isto que os autores se atêm ao falar sobre a indústria cultural, lida aqui como uma fábrica que produz os elementos culturais necessários para promover tipos específicos de sujeitos: aqueles que manterão a sociedade da exata forma em que se encontra. Retorna aqui a angústia do desconhecido, visto que “o medo que o bom filho da civilização moderna tem de afastar-se dos fatos é exatamente o mesmo medo do desvio social” (Horkheimer; Adorno, 1944/1985b). Portanto, a indústria cultural também possui seu papel na manutenção da dinâmica social pela via do constrangimento e marginalização de sujeitos, grupos e ideologias que ameaçam sua hegemonia.

Nesse sentido, apontam Horkheimer e Adorno (1944/1985a, p. 114), utilizando-se

da desculpa de uma suposta necessidade de produção massiva de conteúdo, a indústria cultural justifica a utilização de suas técnicas, que então “tornam inevitável a disseminação de bens padronizados para a satisfação de necessidades iguais”. Para garantir essa padronização, são aprimorados apenas seus meios e instrumentos, tomados aqui como um novo ator, a capacidade de comunicação e compartilhamento ou os *smartphones*, com novas versões lançadas cada vez mais rapidamente.

No entanto, alertam Horkheimer e Adorno (1944/1985a), é a pretensa novidade que mantém a manipulação retroativa da indústria cultural. Pretensa, pois, se o novo artista realiza as mesmas performances, se a comunicação instantânea transmite as mesmas mensagens e se o novo dispositivo se diferencia apenas em sua maior velocidade, armazenamento e megapixels, todos eles não farão nada além de representar, capturar e difundir a realidade como ela já é, diminuindo as tensões entre sociedade e sujeito. Esse, por sua vez, torna-se mais carente por repetição, fazendo do sistema social uma unidade coesa e distante de suas capacidades emancipatórias.

Conforme sustenta Adorno (1967/1978), forma-se assim uma sociedade composta por indivíduos angustiados e/já que incentivados a renegar suas aspirações se essas não forem afirmadas pela indústria cultural, a qual se torna um guia autoritário de como ser sujeito em sociedade, ao mesmo tempo em que, negando essa condição aos desviantes de suas regras, ensina-nos a marginalizá-los. Tal dinâmica assemelha-se à postura da ciência moderna frente à natureza: dominação ou eliminação, pois, como veremos agora, esses são também elementos do fascismo.

### O FASCISMO

Ainda no capítulo sobre a indústria cultural da Dialética do Esclarecimento, Horkheimer e Adorno (1944/1985a) falam como esta representa o trágico de maneiras simplistas e repetitivas, introduzindo nos sujeitos uma sensação de incapacidade. Nos termos dos autores: “Mas o milagre da integração, o permanente ato de graça da autoridade em acolher o desamparado, forçado a engolir sua renitência, tudo isso significa o fascismo” (Horkheimer; Adorno, 1944/1985a, p. 144). Essa frase indica o efeito dos elementos abordados nos tópicos anteriores. Ambos oprimem o que se desvia de seus parâmetros e se apresentam como alternativa acolhedora aos desviantes, “[...] desde que se entreguem de corpo e alma, desde que renunciem à pretensão de felicidade” (Horkheimer; Adorno, 1944/1985a, p. 144). Sob essa lógica se imprimiria nos indivíduos certas tendências antidemocráticas.

Sendo assim, em um ambiente social altamente administrado, destaca-se novamente o elemento da técnica, que aparece relacionado a uma exacerbada mobilização à ação. Sobre

isso, Adorno (1946/2015) e Adorno e Horkheimer (1951/2015) comentam que discursos fascistas são incertos em seus objetivos, ainda que convidem seus ouvintes a uma atitude imediata, tornando a propagação do discurso um fim em si mesma. Essa é uma maneira de agregar seguidores ao culto da propaganda fascista, fazendo-os crer serem participantes de um grupo especial. Nesses termos, o fascismo parte do desejo de integração a um grupo, o qual não precisa possuir nenhum outro fim a não ser sua própria continuidade.

Tal afirmação remete ao culto do existente, o qual Adorno (1965/1995, p. 115) identifica em líderes nazistas, que “[...] nem por um momento pensam ou desejam o mundo de outro modo do que é, possuído como estão da vontade ‘*of doing things*’ [sic], indiferentes ao conteúdo de tais ações”. Vemos novamente o medo do desvio social. Partindo daí, encontramos nos textos de Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford (1950/2019) e Horkheimer e Adorno (1944/1985b) a ideia de que, frente a uma sociedade que exclui seus desviantes, torna-se mais seguro renegar a própria subjetividade e adotar valores externos por vezes alheios à experiência particular.

A partir disso, Adorno e Horkheimer (1951/2015, p. 168) afirmam que “a imagem moderna do líder algumas vezes parece ser o engrandecimento da personalidade do próprio sujeito”, pois em uma situação socioeconômica que enfraquece o indivíduo, resta a este render-se à coletividade em prol de um apaziguamento das suas limitações. Vinculado a isso está a noção da ‘*mentalidade de ticket*’ (Horkheimer; Adorno (1944/1985c), que se estabelece quando, ao encontrar em um grupo uma quantidade mínima de valores com os quais se identifica, o sujeito assume todos os ideais do grupo como seus, como uma forma de gratificação e pertencimento.

Portanto, para Horkheimer e Adorno (1944/1985b), o fascismo é, além de uma caracterização (pseudo) política, um diagnóstico social amplo, pois leva em conta componentes variados, tais como: a) a ciência, a indústria e o sistema econômico na forma rígida como se desenvolvem; b) e também as subjetividades aí construídas, que, nesse contexto, expressam características potencialmente antidemocráticas (Adorno et al., [1950] 2019). Portanto, sob a égide do capitalismo, a ciência positivista e a indústria afirmam que toda a natureza pode (e deve) ser desvendada, controlada e replicada a partir de determinados padrões.

Dessa maneira, teríamos condições de controlar tudo. No entanto, a falsa possibilidade do controle de tudo nos coloca frente à realidade da impossibilidade de alcançar tal objetivo. Esse quadro, afirmam Adorno (1946/2015) e Adorno e Horkheimer (1951/2015), aparece como uma regressão associada à angústia de castração, a partir da qual se destaca a constante ameaça de entrarmos em contato com a falta. Em outros termos, seríamos

partícipes de um interminável ritual de iniciação onde: “[...] todos têm de mostrar que se identificam integralmente com o poder de quem não cessam de receber pancadas” (Horkheimer; Adorno, 1944/1985a, p. 144).

Nesses termos, quando Adorno (1965/1995) afirma que a principal tarefa da educação contemporânea é a de que Auschwitz não se repita, ele se refere ao fascismo enquanto configuração social que produz subjetividades padronizadas. Schwalbe (2014) vai além ao afirmar que o autor nos fala de subjetividades associadas ao sujeito masculino, de características autoritárias e controladoras. É sobre esse sujeito e suas relações com os elementos expostos até aqui que falaremos a seguir.

### ACERCA DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA

As primeiras discussões acadêmicas sobre masculinidade datam de meados dos anos 80, com fortes influências dos movimentos feministas e de homens gays (Connell; Messerschmidt, 2013). Isso teria acontecido porque tais grupos começaram a perceber a importância de discutir não somente suas vivências enquanto coletividades oprimidas, mas também de centralizar, como fazia a pesquisa social em relação ao estudo das estruturas de poder, o papel do agente dominante.

Dessa maneira, um dos objetivos de Connell e Messerschmidt (2013) é discutir sobre definições de masculinidade hegemônica, verificando se as aplicações do conceito continuavam válidas. Uma importante conclusão de tal trabalho foi a de que, para além da existência de diversas masculinidades, seria possível constatar que a masculinidade hegemônica assume diversas formas, dependendo de parâmetros históricos, sociais e geográficos.

Assim, não devemos assumir que os comportamentos dos homens são causados por uma essência masculina, mas que o conceito de masculinidade é antes o resultado das “[...] configurações de práticas que são realizadas na ação social e, dessa forma, podem se diferenciar de acordo com as relações de gênero em um cenário social particular” (Connell; Messerschmidt, 2013, p. 250). Para Schwalbe (2014, p. 14, tradução nossa), “isto significa olhar para o que machos fazem para construir a si próprios como o ser social que chamamos de homens”. Portanto, tratamos aqui da masculinidade hegemônica como uma performance constituída por conjuntos de práticas, um modo de agir social, que possui papel fundamental na manutenção das relações de poder intra e intergêneros.

No entanto, para Connell e Messerschmidt (2013), essas práticas não são incorporadas em sua totalidade pela maioria dos homens. Com efeito, “sem tratar os homens privilegiados como objeto de pena, devemos reconhecer que a masculinidade hegemônica não necessariamente se traduz em uma experiência de vida satisfatória” (Connell; Messersch-

midt, 2013, p. 271). Portanto, os autores conferem a essa hegemonia um valor ideológico, de maneira que esta masculinidade se torna um modelo universal em relação ao qual homens e meninos se posicionam. Para definir isto, Garlick (2017, p. 96, tradução nossa) utiliza o conceito de ‘atrator’, o qual aparece descrito nos seguintes termos:

[...] um atrator é uma configuração de propriedades que regula interações dentro de um sistema e garante ordem e relativa estabilidade. [...] Como atratores, masculinidades hegemônicas regulam e padronizam sistemas complexos oferecendo a promessa de uma posição a partir da qual o mundo pode ser controlado ou estar sob controle.

Temos então o ideal de controle como um dos principais constituintes da masculinidade hegemônica (Garlick, 2010; 2011; 2017; Schwalbe, 2014), de maneira que é possível notar como diversos elementos costumeiramente ligados à masculinidade – como, por exemplo, a razão e a força – estão relacionados a um desejo de controlar a natureza, esteja ela expressa em outrem ou no próprio sujeito. Nesse quadro, para Garlick (2017, p. 152, tradução nossa) o que unifica os diferentes modelos de masculinidade hegemônica são características e/ou práticas “necessárias para o alcance ou manutenção do controle e segurança ontológica”.

Nesse sentido, Schwalbe (2014) afirma que os homens performam essa afeição pelo controle como forma de defesa às tentativas de controle de outros homens. Isso porque existiria uma hierarquia de masculinidades, de forma que aquelas que se distanciam das práticas atribuídas à masculinidade hegemônica são tomadas como subordinadas a ela. Logo, passíveis de controle e exploração. Tal quadro também se articula à supressão das emoções comumente atribuída aos homens, pois, como afirma Schwalbe (2014), o desejo de controle sobre o outro anula a capacidade de empatia.

A partir destas articulações, podemos então relacionar a questão da técnica/tecnologia aos elementos de ordenação percebidos na masculinidade. Assim o faz Garlick (2003), utilizando uma visão heideggeriana da técnica moderna para o conceito de ‘tecnologia de gênero’: uma maneira específica de revelar a natureza dos corpos, enquadrando-os como recursos a serem controlados e utilizados segundo uma ordem supostamente natural. No caso da masculinidade, falamos de um enquadramento que “[...] produz formas de ser orientadas em direção à dissipação de insegurança ontológica por meio do alcance e manutenção do controle ou dominação sobre a natureza e o mundo” (Garlick, 2017, p. 95, tradução nossa).

Dentre os temas escolhidos por Garlick (2017) para explicitar e analisar tais questões, aparece a pornografia, um tipo de conteúdo há séculos produzido por e para homens e historicamente relacionado ao desenvolvimento de novas tecnologias (Barss, 2010; Williams,

1999). Sendo assim, a pornografia acaba por se revelar um objeto proveitoso como ponto de intercessão dos assuntos tratados até aqui.

## PORNOGRAFIA E MASCULINIDADE

A pornografia, segundo Garlick (2017), coloca em jogo elementos centrais da masculinidade hegemônica, pois o sexo ali representado, embora evoque uma natureza ‘primitiva’, o faz de forma racionalizada. Portanto, ela enquadra a sexualidade em determinados modelos, mas se apresenta de maneira ambígua, pois coloca o homem entre a entrega ao seu desejo e a manutenção do controle – de si e do outro.

Sobre isso, Moraes e Lapeiz (1985) lembram que a pornografia frequentemente mostra a figura feminina como sempre desejosa de sexo enquanto, aponta Garlick (2017), o homem é colocado no papel de domar essa força. O autor afirma que isto pode ser visto na maioria dos filmes pornográficos, onde as mulheres atuam de forma mais exacerbada, ao passo que os corpos masculinos funcionam similarmente a uma máquina de movimento regular, permanecendo eretos e sem demonstrar sensações exageradas. Portanto, além das representações de violência comumente referenciadas, o controle masculino aparece na pornografia também por meio do conhecimento sobre como evocar uma ‘natureza feminina’ que deseja por sexo, mantendo sob controle, simultaneamente, o corpo feminino e seu próprio corpo.

Outro ponto importante levantado por Garlick (2017) se relaciona com o modo de operação da indústria cultural, no que diz respeito à maneira como as técnicas de produção e distribuição atingem seus conteúdos. O autor aponta que a ordenação e categorização de corpos ou partes deles (“latina”, “ruiva”, “peitos grandes”), bem como a possibilidade de selecionar partes específicas dos vídeos ou mesmo de pular para outro vídeo a qualquer momento fornecem ao usuário a impressão de estar no total controle do seu desejo, permitindo-o montar o corpo e o cenário ideal a fim de alcançar uma “[...] satisfação infinita de desejos abstraídos das relações sociais reais” (Garlick, 2017, p. 132, tradução nossa).

Sendo assim, a pornografia online se configura como um espaço que incita e potencializa características da masculinidade hegemônica, ao mesmo tempo em que, colocando-as no limite, põe-nas à prova. Para Garlick (2017), isso pode ser visto de forma prática nas propagandas dos sites pornográficos. Nesses termos, é comum encontrar em sites pornográficos banners que constantemente trazem à tona o tamanho do pênis e a ejaculação precoce, colocando a figura masculina em uma posição parecida com a citada em tópico anterior: aquela da promessa do total controle sobre o corpo – seja o próprio ou do outro –, o que inevitavelmente remete à impossibilidade da sua completa realização. Portanto,

a partir dessas reflexões e com a ajuda da metodologia de pesquisa que propomos aqui, abordaremos com mais propriedade agora os dados obtidos a partir de nossa pesquisa no site investigado.

### O PORNHUB E SEUS CONTEÚDOS

Cada vídeo do Pornhub é classificado em categorias e acrescido de “etiquetas”, palavras descritivas do conteúdo. Do total de 101 (cento e uma) categorias lá presentes, os vídeos analisados abrangiam 39 (trinta e nove) categorias diferentes. Em relação às etiquetas, não há como contabilizar o total delas presentes no site, mas os vídeos analisados possuíam 142 (cento e quarenta e duas) diferentes. As Tabelas 1 e 2 mostram as dez categorias e etiquetas mais frequentes no material coletado.

Tabela 1. As dez categorias mais frequentes nos vídeos coletados

Categoria	Frequência
Pornô HD	15
Amadoras Verificadas	11
Exclusivo	11
Amador	10
Lindinhas	10
Peitudas	9
Morenas	8
Novinhas	8
POV	8
Estrela Pornô	6

Fonte: Autoria própria.

Tabela 2. As dez etiquetas mais frequentes nos vídeos coletados

Etiqueta	Frequência
young	11
teenager	10
point of view	9
big boobs	7
big tits	5
brunette	5
cowgirl	5
amateur	4
blowjob	4
rough	4

Fonte: Autoria própria.

Percebemos que, em sua maioria, os vídeos remetem a pessoas jovens, com termos

como ‘Novinhas’, ‘young’ (jovem) e ‘teenager’ (adolescente) aparecendo na lista. Chamamos a atenção também para os termos que se referem à pornografia amadora, pois apenas 5 (cinco) vídeos foram descritos como de produção profissional. Evidenciamos também as palavras que remetem especificamente ao sexo feminino, sem nenhum elemento que seja especificamente masculino<sup>3</sup>. Por fim, ressaltamos que a categoria ‘Pornô HD’ é o único termo que aparece em todos os vídeos analisados.

Apresentamos agora a Tabela 3, com algumas das principais características e informações referentes aos vídeos coletados:

Tabela 3. Principais características e informações dos vídeos coletados

N	Título	Visualizações	Perfil	Produção
1	“Eu desafio você a não gozar dentro de mim”	9.610.357	NotSoAmateur	Caseira
2	“Pare de estudar e me deixe cavalgar”	6.006.979	NotSoAmateur	Caseira
3	“Fodendo a morena gostosa depois de um encontro romântico”	1.066.019	BrunAlexxx	Caseira
4	“Eu provoço meu médico e ele acaba me fodendo”	5.691.848	martinasmith1	Caseira
5	“Enteado fodeu sua jovem madrasta”	25.437.307	LuxuryGirl	Caseira
6	“Acordei minha irmã mais nova lolly_lips com meu pau”	6.856.284	lolly_lips	Caseira
7	“Se a gente fizesse anal toda vez que você me fodesse, eu não andaria mais :)”	3.059.437	Nyna Ferragni	Caseira
8	“Secretária gostosa fode com o chefe para ganhar aumento de salário”	1.282.976	misslexa	Caseira
9	“Salva-vidas sensuais Nicolette Shea & Savannah Bonde salvam uma pica”	1.029.216	Brazzers	Profissional
10	“Novinha brasileira trai marido por dinheiro”	1.156.622	CatchingGold-Digger	Profissional
11	“Leitura leva a sexo pesado”	1.655.863	Mini Diva	Caseira
12	“Mamãe parou a aula on-line com seu filho e o fodeu”	1.844.243	lolly_lips	Caseira
13	“Lana Rhoades quica no meu caralho”	98.634.078	Bratty Sis	Profissional
14	“Intimidando Riley”	32.309.914	Mark Rockwell	Profissional
15	“Manhã com paulada e mamada com a meia-irmã”	66.231.048	Sis Loves Me	Profissional

Fonte: Autoria própria

Os vídeos 1 (um) a 7 (sete) foram coletados na sessão “mais vistos da semana”; os vídeos 8 (oito) a 12 (doze) foram coletados na sessão “mais excitantes”, com a observação de que também o vídeo 3 (três) apareceu nesta sessão; já os vídeos 13 (treze) a 15 (quinze)

3 Maiores detalhes referentes a esses dados, porém, serão tratados mais adiante, ao longo das nossas considerações finais.

foram os mais visualizados das 3 (três) modelos que, à época, possuíam maior popularidade no Pornhub desde sua postagem no site.

Os ‘títulos’ dos vídeos são, na maioria das vezes, uma tradução automática do título original. Nos casos em que a tradução não havia sido feita, adaptamos para o português a fim de facilitar a análise. O ‘nº de visualizações’ é referente ao total de visualizações do vídeo a partir de sua postagem no site até o dia em que o dado da pesquisa foi coletado. O ‘perfil’ é o nome de usuário da conta em que cada vídeo foi postado. Quanto a esta coluna, ressaltamos que apenas 3 (três) dos vídeos pertencem a uma conta oficial de um estúdio pornográfico (aqueles de número nove, treze e quinze). O restante foi proveniente de contas de usuários verificados – aqueles que fazem seus próprios vídeos e os enviam para o site. Importante ressaltar também que o Pornhub possui uma opção que permite fazer doações em dinheiro a esses usuários, assim como permite que postem vídeos acessíveis apenas mediante pagamento. O ‘tipo de produção’ é definido pelo próprio perfil e informado na página de reprodução do vídeo.

Finalizando a sessão de resultados, apresentamos a Tabela 4, com características referentes ao conteúdo dos vídeos em si segundo alguns elementos que se destacaram quanto à construção da narrativa e dos discursos nelas/por elas veiculados:

Tabela 4. Principais características no conteúdo dos vídeos coletados

N	Perspectiva		Corpo em evidência	Exibição	Coerção sexual
	Câmera	Título			
1	3ª Pessoa	Feminina	Feminino	Feminina	-
2	3ª Pessoa	Feminina	Feminino	-	Homem
3	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	Feminina	-
4	Feminina	Feminina	Indefinido	Feminina	Homem
5	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	-	Mulher
6	Masculina	Masculina	Feminino	Feminina	Mulher
7	Masculina	Feminina	Feminino	Feminina	-
8	3ª Pessoa	3ª Pessoa	Feminino	Feminina	Mulher
9	3ª Pessoa	3ª Pessoa	Feminino	Ambos	Mulher
10	Masculina	3ª Pessoa	Indefinido	Feminina	Mulher
11	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	-	Mulher
12	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	-	Homem
13	Masculina	Masculina	Feminino	Feminina	Mulher
14	Masculina	3ª Pessoa	Indefinido	Feminina	Mulher
15	Masculina	3ª Pessoa	Feminino	-	Mulher

Fonte: Autoria própria.

Levando em consideração que um dos elementos principais para analisar uma formação discursiva é a posição de quem enuncia o discurso, consideramos importante verificar

de quem é a ‘perspectiva’ no vídeo, o que definimos a partir da própria ‘câmera’ e/ou pelo ‘título’. O primeiro item foi definido de acordo com o personagem que controla a câmera de forma exclusiva ou por mais tempo. Quanto ao título, verificamos quem é o enunciador da frase que dá nome ao vídeo. Nos dois casos, encontramos perspectivas masculinas, femininas e em 3ª pessoa, com essa última se destacando nos títulos e a primeira sendo mais frequente na perspectiva da câmera.

Com isso, verificamos de quem é o corpo em maior ‘evidência’ no vídeo a partir da análise de quais corpos mais apareciam intencionalmente de forma central, seja pelo tempo de exibição na tela e/ou pelo enquadramento da câmera. Se o elemento descrito no parágrafo anterior fala sobre quem olha/fala, aqui temos uma pista sobre o que e como se olha/fala. Interessante ressaltar que: a) com exceção de três vídeos nos quais esta distinção é imprecisa, em todos os outros o corpo feminino é claramente o mais evidente; b) nos momentos em que a mulher controla a câmera, ela mostra seu próprio corpo, filmando-se no estilo *selfie* (o que não ocorre nenhuma vez na perspectiva masculina).

Procuramos notar também se os personagens detinham seu corpo ‘exibido’ de forma explícita. Definimos que isso se deu toda vez em que a personagem exhibe seu corpo para um olhar, seja o da câmera ou de outro sujeito; ou que a câmera foca com ênfase em alguma parte específica do corpo da personagem, com ou sem o conhecimento de quem é observado. Isso aconteceu majoritariamente com o corpo feminino, em cenas em que as mulheres exibiam seu corpo de forma proposital ou em que a câmera focava principalmente em seus seios e nádegas. A exceção acontece no vídeo 9 (nove), em que os corpos femininos e masculino são exibidos da mesma maneira. No entanto, aqui atentamos para a diferença de que, enquanto os corpos femininos apareciam em câmera lenta e com uma trilha sonora propositalmente excitante, o corpo masculino era exposto de forma caricata, com uma trilha sonora cômica e um tom de deboche ao seu corpo magro e pequeno.

Por fim, identificamos que grande parte dos vídeos denotavam, seja por meio de seus títulos e/ou do contexto narrativo, que pelo menos um dos personagens não possuía inicialmente uma intenção sexual autêntica. Ou seja, ou ela não existiria ou estaria subordinada a outro interesse, o que acabava por gerar uma ‘coerção sexual’. Para cada uma dessas situações, destacamos qual dos personagens é surpreendido ou convencido pelas investidas sexuais do outro. E aqui, com a exceção de 3 (três) vídeos, todos os outros mostravam a mulher como a figura que acaba cedendo ao ato sexual.

Pois bem, as caracterizações feitas até aqui dizem respeito aos padrões mais amplos que foram encontrados nos vídeos. No entanto, existem determinadas particularidades que necessitam de uma discussão mais cuidadosa, tarefa para a qual dedicaremos um espa-

ço específico nas considerações finais deste trabalho.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui, iniciamos corroborando a constatação de que a pornografia é feita prioritariamente a partir do/para o referencial masculino heterossexual, visto que: a) 2/3 (dois terços) dos vídeos coletados foram filmados em uma perspectiva masculina; b) o corpo feminino foi o mais evidenciado e o mais exibido na/para a tela; c) por outro lado, o corpo masculino apareceu bem menos e quase sempre cortado pelo enquadramento da câmera. É partindo desta consideração que faremos o restante de nossas análises.

Assim, mesmo quando o título do vídeo tem uma perspectiva feminina, podemos dizer que ela se constrói a partir do referencial masculino. De fato, analisando os títulos vemos que eles se direcionam ao homem, desafiando-o, provocando-o, pedindo por sexo ou insinuando que seu pênis é tão grande a ponto de machucar<sup>4</sup>. Desafiar, provocar e pedir são interações que supõem a existência do outro como sujeito desejante. No último caso, a frase alimenta a fantasia da potência masculina afirmada pelo tamanho do pênis. Sendo assim, como afirma Williams (1999), ao contrário de uma perspectiva de equiparação em termos da objetificação dos corpos masculinos e femininos na pornografia, a subjetividade masculina é certamente mais presente.

Com efeito, no único vídeo em que o controle da câmera é exclusivamente feminino, a personagem filma a si mesma no início e no fim, deixando a câmera em uma perspectiva de terceira pessoa na maior parte do tempo. Já em todos os vídeos com a perspectiva masculina na câmera a intenção é emular a visão do personagem, como se a pessoa assistindo fosse o homem presente no ato. Em nenhum deles o homem se mostra. Aliado a isso temos que a mulher é quem tem seu corpo mais esquadrihado pela câmera, ampliado na tela ou sendo exibido intencionalmente.

Em relação à objetificação feminina na pornografia, podemos pensa-la a partir da análise das categorias e etiquetas. Conforme já mencionado, na lista das 10 (dez) categorias e etiquetas mais frequentes não temos nenhuma palavra que remeta especificamente ao homem. Temos, no entanto, ‘peitudas’, ‘morenas’, ‘novinhas’, ‘big boobs’, ‘big tits’ e ‘brunette’. Tal forma de classificação incita uma divisão do sujeito em partes. Ou seja, algo próprio da objetificação, que reparte e remonta o corpo feminino segundo o desejo masculino. Na listagem completa de categorias e etiquetas, as únicas que remetem especificamente ao homem são laços familiares (*stepbro*, *stepson*) e ‘pau grande’, novamente reforçando uma

<sup>4</sup> Respectivamente: “Eu desafio você a não gozar dentro de mim”; “Eu provoço meu médico e ele acaba me fodendo”; “Pare de estudar e me deixe cavalgar” e “Se a gente fizesse anal toda vez que você me fodesse, eu não andaria mais :)”.

fantasia falocêntrica

Então, concluímos que, pelo menos nos vídeos analisados, a mulher é colocada mais próxima ao objeto e o homem como o sujeito da interação sexual. Além disto, do total de 15 (quinze) vídeos, 14 (catorze) deles terminavam com ênfase na ejaculação masculina, o que fortalece o argumento de que a pornografia se preocupa bem mais com o prazer masculino, já que este é visto como o ápice da encenação.

No que se refere às diferenças na performance de atuação, percebemos que enquanto a mulher geme, suspira e grita de forma mais constante, o homem é sempre mais contido. Ainda que haja gemidos, suspiros ou gritos masculinos, eles são mais esporádicos e quase sempre suprimidos pelos sons que a mulher emite. Mesmo nas cenas de ejaculação masculina é comum que o prazer feminino em receber o esperma seja mais enfatizado que o do homem, o que pode ser constatado também pela via de uma série de expressões faciais bastante exploradas nessas produções.

Isto é, exploradas no que se refere à atuação da mulher, pois a face masculina pouco aparece, fato que nos fornece outra pista acerca da relação que propomos entre papéis de gênero, racionalidade e controle. Nesses termos, é como se o domínio masculino, pautado por um imaginário que o associa a uma maior dose de sobriedade (ao contrário dos ‘naturais’ excessos femininos), ficasse ameaçado caso abundantes expressões de prazer por parte do homem fossem efetivamente apresentadas.

Entendemos então que os vídeos analisados emitem o discurso de que o homem deve ser capaz de conter seu prazer, ao mesmo tempo em que proporciona uma satisfação sexual avassaladora para quem a recebe. Essa mesma continência masculina também aparece na (pouca) exploração do próprio corpo, já que, ao passo em que a mulher estimula a si mesma para além da vagina (também nos seios, nádegas, barriga, boca e pescoço, por exemplo), os homens limitam-se apenas à região genital, usando as mãos exclusivamente para tocar o corpo da mulher e o próprio pênis.

Partindo para outra argumentação, podemos afirmar que, na pornografia, homens e mulheres possuem uma vontade constante por sexo que pode surgir nas mais diversas situações. Contudo, como demonstra a tabela 4, o homem é quem mais aparece sendo capaz de fazer surgir na mulher o seu desejo, utilizando para tanto, conforme os vídeos analisados, técnicas e/ou recursos como chantagem, dinheiro, hierarquia profissional, habilidades com as mãos ou simplesmente uma ereção ‘irresistível’.

Diante disso, aproximando as reflexões teóricas feitas anteriormente aos resultados empíricos da nossa pesquisa de campo, podemos afirmar que a pornografia, tal como expressa em um site como o Pornhub, reproduz o discurso de uma masculinidade que

se afirma por intermédio do controle de si mesmo e dos outros. Nesse sentido, se retornarmos às considerações sobre a relação autoritária entre homem e natureza, cientista e objeto, podemos ver esses mesmos polos se reproduzindo na pornografia: homens que utilizam técnicas e habilidades para administrar o desejo feminino. Essa relação objetifica a sexualidade feminina como um recurso que pode ser utilizado pelo homem segundo sua própria vontade. Interessante notar como é aberto aqui um espaço para o questionamento da crença popular de que o assédio feito por homens se devesse a uma falta de controle sobre sua sexualidade. Pelo contrário, os homens assediariam e violentariam sexualmente porque, enquanto homens, acreditam deter o controle sobre o desejo do outro, capazes de converter o ‘não’ em ‘sim’.

Sem deixarmos de compreender o quanto esse discurso oprime as mulheres e coloca homens em situação de privilégio, atentamos também para certo nível de sofrimento masculino que pode surgir daí. Com efeito, remetendo-nos novamente à metáfora do eterno ritual de iniciação empregada por Adorno (1965/1995), supomos aqui que a constante afirmação de que homens devam ser capazes de manejar o desejo feminino como um objeto os coloca frente à angústia de não conseguir fazê-lo.

Falamos, portanto, de um sofrimento causado pela constante necessidade de provação da capacidade de controle. E aqui não pudemos deixar de notar que todas as páginas de vídeos do *Pornhub* sugerem, no mínimo, 10 (dez) outros vídeos para serem assistidos, com diferentes corpos, incitando assim um percurso de consumo virtualmente infinito pelo site, o que, segundo Cook (2006, p. 56, tradução nossa): “[...] demanda que homens conquistem um número cada vez maior de mulheres para demonstrar sua masculinidade”.

Portanto, a pornografia se estabelece como veiculadora de um discurso sobre a masculinidade hegemônica que possui diversas semelhanças com aquilo que a análise de Horkheimer e Adorno (1944/1985b) criticam sobre uma sociedade que, por meio do uso exacerbado da técnica, valoriza e produz relações de autoritarismo e controle sobre os sujeitos, deles com a natureza e deles entre si e consigo mesmos. Não por coincidência, na lista das categorias e etiquetas mais frequentes temos “POV”, “*point of view*”, “Exclusivo” e “Pornô HD”, todos termos referentes à produção e/ou distribuição do material, confirmando que a preocupação técnica é maior que a de conteúdo.

No entanto, a fim de atingir as potencialidades emancipatórias da sociedade, de nada adianta a produção de vídeos em alta qualidade capazes de fazer seus espectadores emergirem de forma profunda em suas imagens se os discursos veiculados por elas repetem as mesmas circunstâncias e relações que mantém as atuais condições sociais (Horkheimer; Adorno, 1944/1985a). Logo, talvez as representações da sexualidade e dos papéis de gê-

nero na pornografia não sejam um problema tão grande quanto o é o fato de que elas se apresentam como únicas possíveis, ao mesmo tempo em que discriminam modalidades diferentes de ser e de sentir prazer.

Encerramos então chamando a atenção para o quanto essa difusão do ideal de uma masculinidade hegemônica se associa ao projeto mais amplo da modernidade capitalista, pautado pelo controle, racionalidade e autoritarismo. A pornografia (online) parece denunciar bem tal associação pelo fato de ser um tipo de produção menos regularizada legal e socialmente, o que favorece com que seja mais explícita também em suas representações. Mas ela certamente não é a única expressão da indústria cultural a fazê-lo, o que nos convida a outras e renovadas pesquisas e reflexões.

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, T. W. A indústria cultural (1967). In: COHN, G (Org.). *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Nacional, 1978.
- ADORNO, T. W. Educação após Auschwitz (1965). In RUSCHEL, M. H. (Trad.). *Palavras e sinais: modelos críticos 2*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ADORNO, T. W. Antissemitismo e propaganda fascista (1946). In: ADORNO, T. W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- ADORNO, T. W.; FRENKEL-BRUNSWIK, E.; LEVINSON, D. J.; SANFORD, R. N. *The authoritarian personality (1950)*. Nova Iorque: Verso, 2019.
- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. (2015). Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, T. W. *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise (1951)*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- BARSS, P. *The erotic engine: how pornography has powered mass communication, from Gutenberg to Google*. Canada: Doubleday Canada, 2010.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio De Janeiro: Zahar, 1999.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>
- COOK, I. Western heterosexual masculinity, anxiety and web porn. *The Journal Of Men's Studies*, v. 14, p. 1, p. 47-63, 2006. <https://doi.org/10.3149/jms.1401.47>
- GARLICK, S. What is a man?: heterosexuality and the technology of masculinity. *Men And Masculinities*, v. 6, n. 2, p. 156-172, 2003. <https://doi.org/10.1177/1097184X03255851>
- GARLICK, S. Taking control of sex? Hegemonic masculinity, technology and internet pornography. *Men And Masculinities*, v. 12, p. 5, p. 597-614, 2010. <https://doi.org/10.1177/1097184X10383851>

org/10.1177/1097184X09341360

- GARLICK, S. A new sexual revolution? Critical theory, pornography and the internet. *Canadian Review Of Sociology*, v. 48, p. 3, p. 221-239, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1755-618x.2011.01264.x>
- GARLICK, S. *The nature of masculinity: critical theory, new materialisms and technologies of embodiment*. Vancouver: UBC Press, 2017.
- HEIDEGGER, M. A questão da técnica. *Scientia Studia*, v. 5, p. 3, p. 375-398, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1678-31662007000300006>
- HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica (1937). In: GRÜNNEWALD, J. (Trad.). *Benjamin, Habermas, Horkheimer, Adorno* (pp. 117-154). São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas (1944). In: M. Horkheimer; T. W. Adorno. *Dialética do esclarecimento*. Rio De Janeiro: Zahar, 1985a.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento (1944)*. Rio De Janeiro: Zahar, 1985b.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. O Conceito De Esclarecimento. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento (1944)*. Rio De Janeiro: Zahar, 1985c.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. Elementos do anti-semitismo: limites do esclarecimento. In: HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. *Dialética do esclarecimento (1944)*. Rio De Janeiro: Zahar, 1985d.
- KANT, I. *Crítica Da Razão Pura (1781)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- MORAES, E. R.; LAPEIZ, S. M. *O que é pornografia?*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ORLANDI, E. P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- SCHWALBE, M. *Manhood acts: gender and the practices of domination*. Londres: Paradigm Publishers, 2014.
- WILLIAMS, L. *Hardcore: power, pleasure and the "frenzy of the visible"*. Londres: University Of California Press, 1999.

## UMA INCURSÃO SOBRE A OBRA DE ARTE, A TECNOLOGIA E A PORNOGRAFIA

Marcos Antonio da Silva Santos Ferreira<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo tem por objetivo elaborar uma tentativa de compreender o papel da pornografia através de algumas instâncias, nomeadamente da obra de arte e da tecnologia. Compreender como a obra de arte passou de uma posição erótica para uma posição pornográfica com motivações explicitamente políticas. Para isso, temos como principal referência o texto de Walter Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1936) e o texto de Polly Barton, *Porn: An Oral History* (2023).

### PALAVRAS-CHAVE

Pornografia; aura; erótico; tecnologia; obra de arte.

### ABSTRACT

The aim of this article is to try to understand the role of pornography through a number of different channels, namely: the work of art and technology. To understand how the work of art passed from an erotic position to a pornographic one, with explicitly political motivations. To this end, our main references are Walter Benjamin's work *The Work of Art in the Age of Its Technical Reproducibility* (1936) and Polly Barton's *Porn: An Oral History* (2023).

### KEYWORDS

Pornography; aura; erotism; technology; work of art.

<sup>1</sup> Mestrando na linha de pesquisa em Filosofia da psicanálise do programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) com bolsa de excelência acadêmica CAPES. Intercambista no programa ERASMUS+ na Katholische Privat-Universität Linz (Winter Semester). Organizador e membro do grupo de estudos e pesquisa FILPSI (Filosofia e psicanálise). Formado em filosofia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-Mail de contato: contactme.marcos@gmail.com